

Um grande sentimento de identidade e de envolvimento académico

Pedro Guedes de Oliveira

Professor Catedrático da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Presidente do INESC Porto
Licenciado em Engenharia Electrotécnica (1968) pela Universidade do Porto

Eu começo por subscrever o que o Borges Gouveia disse, havendo mesmo um certo risco de repetição, já que há muita coisa de comum na cultura que fomos conjuntamente construindo, absorvendo e misturando e, portanto, é muito provável que apareçam ideias e sentimentos semelhantes.

Eu dividiria os primeiros vinte anos do INESC, de 1980 até ao fim do séc. XX, em três épocas:

A primeira foi de 1980 a 85. A ideia e o modelo do INESC nasceram em Lisboa, inicialmente com o Instituto Superior Técnico e a Universidade Técnica de Lisboa pelo lado académico e os CTT e os TLP, pelo lado empresarial, tendo o João (Lourenço Fernandes) e o José (Tribolet) estado, desde o princípio, na sua origem. Em 1985 adere a Universidade do Porto, juntamente com a Companhia Portuguesa Rádio Marconi e, praticamente logo a seguir em 1986, grupos da Universidade de Aveiro ligam-se também ao projecto.

Há depois um segundo período, que vai até 1995, e que é aquele de que eu queria falar com mais detalhe, já que o terceiro período, de 1995 em diante, foi um período mais difícil para nós: houve uma forte crise interna em que vieram ao de cima diferenças de opinião e de abordagem de vários problemas e isso levou a uma profunda reestruturação, que só se consolidou a partir do ano de 1999/2000, conduzindo ao modelo que hoje em dia o INESC tem, bastante diferente do anterior, diria eu quase federal.

Deixem-me, então voltar aos anos de 1985 a 1995, que na minha opinião são os anos mais “ricos” do INESC, aqueles nos quais se passaram as coisas mais interessantes.

Se se analisar o que aconteceu em Lisboa, no Porto e em Aveiro, verifica-se que uma grande parte da intervenção técnica foi bastante focalizada. Em Lisboa, a central (telefónica digital) que depois deu origem ao projecto Tagide e o projecto de Escritório Electrónico Nacional (Elena) são os principais focos de actividade. No Porto desenvolve-se o projecto SIFO (Rede de Serviços Integrados por Fibra Óptica), um projecto que, em 1985, era muito inovador quer por se estar a falar em serviços integrados, quer, em particular, em tecnologia óptica. Em Aveiro a intervenção centrou-se toda nas aplicações das TI nas

áreas da saúde, o que teve depois consideráveis consequências no desenvolvimento da actividade da engenharia electrotécnica e de computação na Universidade de Aveiro.

Esta focalização e concentração de esforços é contemporânea, como o Borges Gouveia disse, de coisas que, no panorama do I&D nacional foram inovadoras, como a contabilidade organizada por projectos, a consciência, por parte dos investigadores, dos custos reais da actividade, e “*last but not the least*” o envolvimento, sempre que possível, com o tecido económico. Estas características permaneceram sempre como *ex-libris* do INESC.

Um outro aspecto que me parece de salientar é o fortíssimo “sentimento de pertença” a esta iniciativa comum (o INESC) que atravessou as três academias (Lisboa, Porto e Aveiro). Há realmente um sentimento de partilha da organização, mas que nunca nos descaracterizou do ponto de vista académico. Era mesmo muito curioso ver que as pessoas que se mostravam mais envolvidas com o INESC tinham também, normalmente, um grande envolvimento académico, na sua Universidade. Este carácter matricial (várias universidades, uma instituição de I&D comum), que promovia quer o envolvimento local a nível académico quer o tal sentimento de pertença comum, foi extremamente curioso e permitiu, pela primeira vez, um relacionamento fácil e forte de carácter trans-universitário. Ainda hoje é muito importante, para todos nós, o conhecimento, a confiança e a intimidade que mantemos com grupos de outras universidades, conquistados num ambiente universitário que, nos fins de 80, era ainda mais fechado do que é hoje. Isto foi novo, foi precursor e deixou marcas indeléveis.

Nessa altura a formação profissional começa a ter um grande impacto, com o FUNDETEC. Mas recordo também a incubação de actividades empresariais, com a criação da AITEC – em parceria com o IPE (na altura Instituto de Participações do Estado) –, que promoveu a criação de um grande numero de empresas.

Em quase nada do que fomos fazendo se poderá dizer que tenhamos sido os únicos. Mas aquilo que nos caracterizou foi uma acção sistemática e persistente numa grande diversidade de áreas, acção essa que marcou o panorama do I&D nacional naquelas décadas iniciais. Depois, com os anos e com novos programas como o CIENCIA, outras instituições foram sendo criadas que, mesmo quando clamavam uma certa recusa do nosso modelo, acabariam por ter características semelhantes, a mesma natureza trans-universitária e, em algumas delas, também uma dimensão bastante grande.

O que é que foi diferente no INESC que, sem falsas modéstias, o levou a ter de facto um papel importante? Já falei da relevância da sensação de pertença a uma instituição e do grande envolvimento académico que, quase todos, tivemos. Mas há, outros aspectos que foram também fundamentais: por um lado, a capacidade de planear com carácter estratégico – recordo-me muito bem de que o INESC era

então o único espaço em que nos juntávamos, jovens professores de muitas proveniências, com experiências diferentes, para discutir e pensar como é que víamos o futuro (que geralmente víamos em grande) – tão rara no ambiente académico; por outro, a aceitação e a promoção da capacidade de liderar, de perspectivar sonhos, de juntar equipas e de as promover, que fomos adquirindo ao longo dos anos.

Depois, particularmente a partir de meados dos anos 90, muita coisa aconteceu. Os vários INESCs que hoje existem, já não são, como não podia deixar de ser, vinte e cinco anos depois, o que era o INESC inicial. Era inevitável que muita coisa se modificasse, mas eu diria que esta década de 1985 a 1995 representa uma intervenção muito marcante – quer para nós, internamente, quer também para toda a envolvente onde nos movimentávamos.